

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Rosimari de Paula Almeida

**A informática colabora no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos de
inclusão?**

Porto Alegre 2010

Rosimari de Paula Almeida

**A informática colabora no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos de
inclusão?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade
de Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientador

Prof. Dr. Luiz Carlos Bombassaro

Tutora:

Celi Lutz Lindenmeyer

Porto Alegre 2010

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na
modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane
Soares Carvalho

AGRADECIMENTOS

Agradecer é admitir que houve um momento em que se precisou
de alguém. É
reconhecer que o ser humano jamais poderá lograr para si o dom
de ser auto suficiente.

Sim, a vocês que amo e que me amam o suficiente para tolerar e
entender a minha ausência, também para encorajar e aplaudir
esta minha vitória;

Muitas foram às vezes em que o cansaço e a preocupação foram
sentidos e compartilhados com vocês, mas sempre com um
incentivo a prosseguir.

Depois desta longa caminhada só tenho estas palavras pra dizer
a todos vocês:

Obrigado! Amo vocês demais!

A toda a minha família e amigos que sempre estiveram comigo
em todos os momentos.

Especialmente para minhas filhas, amo vocês demais!

Epígrafe

Hoje levantei cedo pensando no que tenho a fazer antes que o relógio marque meia noite. É minha função escolher que tipo de dia vou ter hoje. Posso reclamar porque está chovendo ou agradecer às águas por lavarem a poluição. Posso ficar triste por não ter dinheiro ou me sentir encorajado para administrar minhas finanças, evitando o desperdício. Posso reclamar sobre minha saúde ou dar graças por estar vivo. Posso me queixar dos meus pais por não terem me dado tudo o que eu queria ou posso ser grato por ter nascido. Posso reclamar por ter que ir trabalhar ou agradecer por ter trabalho. Posso sentir tédio com o trabalho doméstico ou agradecer a Deus por ter um teto. Posso lamentar decepções com amigos ou me entusiasmar com a possibilidade de fazer novas amizades. Se as coisas não saíram como planejei posso ficar feliz por ter hoje para recomeçar. O dia está na minha frente esperando para ser o que eu quiser. E aqui estou eu, o escultor que pode dar forma. Tudo depende só de mim.

(Charles Chaplin)

RESUMO

O presente trabalho de cujo título é: **A informática colabora no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos de inclusão?** Tem como objetivo compreender como as ferramentas tecnológicas contribuem para o aprendizado dos alunos em geral, mas principalmente daqueles que possuem alguma necessidade especial. Neste contexto de investigação os assuntos a serem desenvolvidos trazem um breve histórico da Educação Inclusiva no Brasil e de que formas o uso das tecnologias pode ajudar crianças com necessidades educacionais especiais. Essencial também o professor estar preparado para usar a informática de maneira coerente buscando sempre focar a aprendizagem do aluno. Relacionar o tema com o que diz a Declaração de Salamanca sobre esse assunto, procurar entender de que forma estas crianças chegam até a escola e como são encaminhadas para as salas de aula normal. Os desafios que encaramos ao nos depararmos com alunos especiais em nossa sala de aula e de que forma podemos utilizar a informática como ferramenta aliada ao trabalho pedagógico. Como a informática pode melhorar e despertar o interesse dos alunos e levá-los a desenvolverem o desejo de aprender, de superar seus limites e com isso melhorar sua autoestima. Outro ponto em destaque é a formação dos profissionais que atuam diretamente com os alunos especiais, seja na sala de aula ou no laboratório de informática, estes precisam estar bem preparados para encarar este desafio e para tanto necessitam de formação adequada e permanente. As mantenedoras das instituições escolares precisam se adequar e dar o suporte básico necessário para que o processo de inclusão aconteça de fato nas escolas. Deve garantir a acessibilidade e desse modo à permanência destes alunos na escola. Para garantir uma inclusão de qualidade e de fato, a lei deve ser respeitada, pois a partir do momento em que a escola acolhe alunos de inclusão, a professora da turma também precisa receber um acompanhamento e um auxílio diário, pois enfrentará situações difíceis. Isso nem sempre ocorre, a professora fica sozinha na sua sala, com uma turma enorme e sem nenhum apoio. Ter no computador um aliado na hora de oferecer atividades que realmente desperte o interesse e a vontade de construir o conhecimento, observar este aluno quando se está em frente à máquina, suas reações, seus acertos, suas tentativas, enfim tudo o que para ele é possível desenvolver diante desta novidade. Muito pertinente nestes aspectos é o professor ter conhecimento sobre os programas e o que pode utilizar com seus alunos na hora de pensar a aula de informática. O objetivo principal deste trabalho é fazer esta ligação entre o quanto à informática pode contribuir

para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos portadores de necessidades especiais.

Palavras-chaves: Educação Inclusiva - Informática na educação - Formação dos professores

SUMÁRIO	Página
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – Referencial teórico.....	11
CAPÍTULO 2 – Declaração de Salamanca.....	15
CAPÍTULO 3 – Breve Histórico da educação Inclusiva no Brasil.....	16
CAPÍTULO 4 - Tecnologias Especiais para crianças com necessidades Especiais.....	18
CAPÍTULO 5 – Desenvolvimento da experiência.....	22
5.1- Sobre a escola.....	29
5.2 – Sobre a turma.....	29
CAPÍTULO 6 – Considerações finais.....	33
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

A utilização de aparatos tecnológicos visando auxiliar o aluno, de um modo geral, no desenvolvimento de sua aprendizagem está cada vez mais presente no cotidiano das escolas. O laboratório de informática é o lugar onde estas ferramentas são conhecidas e aos poucos os estudantes vão se apropriando delas. No caso específico deste trabalho de conclusão pretendo relacionar o uso da informática pelos alunos portadores de necessidades educacionais especiais, visando demonstrar que através do uso do computador esses alunos conseguem desenvolver melhor suas habilidades e também ter um maior interesse em desenvolver sua aprendizagem.

Segundo Valente (1991):

Se os alunos com necessidades educacionais especiais podem recuperar algumas de suas perdas cognitivas quando integrado a um ambiente que lhe proporciona desenvolvimento, porque não usar uma ferramenta educacional que possa ajudá-lo a alcançar o desenvolvimento mental, educacional, emocional e social?

Nestes casos o computador se torna uma ferramenta de extrema importância, pois através dele pode vir à motivação necessária para que estes alunos desenvolvam o seu potencial dentro de suas capacidades. Ainda Valente (1991, p. 17), “[...] *a função do aparato educacional não deve ser a de ensinar, mas a de promover o aprendizado*”.

O objetivo deste trabalho é tentar fazer a ligação entre as vantagens que o uso do computador pode trazer na hora de levar aos alunos estas novidades. Outro ponto também que interessa é a contribuição que a tecnologia pode dar para os alunos PNEEs, como eles se comportam diante destas ferramentas? De que maneiras interagem e conseguem desenvolver atividades que os levem a um aprendizado mais interessante? Digo aprendizado interessante porque se torna mais desafiador e leva o aluno a querer ultrapassar seus limites. A partir do momento em que ele se depara com o computador e com o que pode realizar diante dele, com certeza vai se sentir mais interessado em realizar atividades propostas. Por que no laboratório de informática estes alunos se mostram mais interessados em realizar atividades do que em sala de aula normal? Enfim, são indagações que muitas vezes nos levam a reflexão intensa e que buscamos respostas, mas que nem sempre conseguimos encontrar.

Os objetivos principais deste trabalho são:

_ Entender a importância que a informática tem no desenvolvimento dos alunos em geral, mas principalmente naqueles que apresentam necessidades educacionais especiais;

_ Compreender a necessidade de apresentarmos e usarmos as tecnologias como ferramentas aliadas no processo de aprendizagem dos alunos;

Para desenvolver este trabalho buscarei através de leitura, teóricos que falem sobre este assunto a fim de conseguir o embasamento necessário para tentar entender e explicar como a informática influencia no aprendizado de alunos com NEEs.

Sempre tendo como base o interesse que o aluno demonstra em frente ao computador e que nem de perto se parece com aquele apresentado em sala de aula, procurarei entender como esse processo de aprendizagem acontece e porque chama ou prende tanto a atenção deste aluno que muitas vezes é tão disperso na sala de aula. Porque no Laboratório de Informática ele tem interesse e na sala de aula não?

Enfim, são vários questionamentos que pedem respostas, mas que nem sempre a gente sabe de onde tirar ou por onde começar. Talvez isso se deva ao fato de que, *“o aluno deve ser desafiado, para que deseje saber, e uma forma de criar este interesse é dar a ele a possibilidade de descobrir.”* (BOCK, et al, 1995, p. 107). Diante deste contexto a alternativa mais plausível é a pesquisa, pois através dela é possível chegar a um entendimento sobre esse assunto tão discutido no momento, que é a inclusão nas escolas regulares e também o uso das tecnologias como ferramenta de apoio pedagógico.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

Nas palavras de Forest e Pearpoint (1997 p. 137-41):

Inclusão não trata apenas de colocar uma criança deficiente em uma sala de aula ou em uma escola. Esta é apenas a menor peça do quebra-cabeça.

Inclusão trata, sim, de como nós lidamos com a diversidade, como lidamos com a diferença, como lidamos (ou como evitamos lidar) com a nossa moralidade. [...]

Inclusão não quer absolutamente dizer que somos todos iguais. Inclusão celebra, sim, nossa diversidade e diferenças com respeito e gratidão. Quanto maior a nossa diversidade, mais rica a nossa capacidade de criar novas formas de ver o mundo. [...]

Existe a necessidade de novos modelos de educação para o mais próximo e rapidamente possível, e a importância do professor como mediador e conhecedor de novas tecnologias exerce um papel fundamental. O professor precisa estar atento e aberto a receber estes novos conhecimentos como uma forma de poder contribuir na inclusão dos alunos que chegam à sala de aula regular, sem fazer o papel contrário, promover a exclusão ao invés da inclusão.

Também há a necessidade de incluir portadores de necessidades especiais no ensino comum, como uma condição que poderá contribuir significativamente para estimulá-los a se comportarem ativamente diante dos desafios do meio. Com certeza não é o nosso papel querer que estes alunos fiquem iguais aos outros, mas sim fazê-los se sentirem aceitos e deste modo possam desenvolver da melhor forma possível suas habilidades e ampliar seus conhecimentos.

A partir do momento em que os alunos com NEEs forem integrados de maneira correta, eles conseguirão despertar em si mesmo o desejo de aprender, de superar seus limites e deste modo até mesmo melhorar sua autoestima.

MANTOAN (1997), afirma que:

“se uma criança não tem quem lhe faça perguntas e a quem pedir ou fornecer explicações, não tem oportunidade de relatar suas experiências passadas e de pensar sobre futuras, enfim, quando não está habituada a estabelecer trocas intelectuais que a prepare para se adaptar às exigências de um mundo que é intermediado pela linguagem e não mais, exclusivamente pela ação, ela tem grandes possibilidades de se tornar deficiente e de ser confundida no lar, na escola, na sociedade, como sendo um deficiente real”.

Esta fala de Mantoan só afirma aquilo que a gente percebe em todos os âmbitos, porque a partir do momento em que a família ou a escola não dá a devida atenção às crianças, elas acabam perdendo o hábito tão comum de sua idade que é perguntar, exercer sua curiosidade. Se para uma criança normal isso já é muito prejudicial o que dizer então de uma criança que apresenta dificuldades de aprendizagem ou problemas mais graves que lhe impede aprender de maneira natural. Enquanto educadores que somos devemos estar muito atentos a estes fatos para evitar que cometamos um erro gravíssimo com nossos alunos.

A inclusão é um algo que implica no aprimoramento da formação dos professores para realizarem propostas de ensino inclusivo, isto é, abraçarem a causa sem medo, a fim de desenvolverem um trabalho que realmente promova a inclusão e, também, um pretexto para que a escola se modernize. A escola deve estar preparada para atender as exigências da sociedade atual, essa está aberta para todos os tipos de pessoas, não importando e nem admitindo qualquer tipo de preconceito ou discriminação. Assim, poderemos vislumbrar um futuro diferente, não só para pessoas com deficiência, mas também para os normais, na escola.

Mas para que o professor tenha esta capacidade de desenvolver um trabalho diferenciado ele deve receber uma capacitação adequada durante o curso de graduação que esteja frequentando. MAZZOTA (1993 p. 30) afirma que:

Os cursos de formação de professores devem ter como Finalidade, junto aos futuros professores, a criação de consciência crítica sobre a realidade que eles vão trabalhar e o oferecimento de uma fundamentação teórica que lhes possibilite uma ação pedagógica eficaz.

Os conteúdos oferecidos pelos cursos também precisam ser revistos, pois sendo a inclusão de alunos especiais algo bem real, os educadores precisam estar preparados para enfrentar esta realidade quando estiverem em sala de aula. Se estamos vivendo na era da tecnologia como a escola vai fechar os olhos a esta realidade, deixar o laboratório de informática fechado e não oferecer aos alunos uma nova ferramenta que promova o ensino e a aprendizagem?

Assim se faz necessário rever as concepções de educação, bem como a formação dos professores, pois as mudanças tecnológicas são rápidas e a educação permanece parada, sem querer utilizar a tecnologia em seu processo de trabalho. Ao fazer isso deixa de oferecer a todos os alunos uma oportunidade de conhecerem e se apropriarem de uma ferramenta que irá auxiliá-los muito no processo de aprendizagem. Aos alunos com necessidades especiais, estes equipamentos parecem estar muito distantes, pois são poucos os que têm acesso a esta tecnologia. O motivo deste descaso talvez seja a idéia errônea que estes alunos são incapazes de aprender a utilizar o computador e então, para que perder tempo com isso?

Aos poucos vamos percebendo que isso não é verdade, todos os alunos conseguem aprender, cada um a seu tempo e seu modo. O que interessa é não deixarmos estas crianças de lado, no esquecimento, pois elas são inteligentes e conseguem sim desenvolver o conhecimento e aprendizagem do seu jeito e de forma interessante. Cabe a nós apresentamos aos nossos alunos ferramentas e atividades que despertem o interesse e a vontade de aprender. E se o computador é um desses meios para atingir objetivos, porque não utilizá-lo? Afinal devemos estar preparados para os novos desafios que todos os dias se apresentam a nós.

Como diz MANTOAN (1997, p.32) “... cabe a escola encontrar respostas educativas para as necessidades de seus alunos e exigir dela uma transformação.” A escola que se refere é aquela sem medo de enfrentar o fantasma da inclusão e que trabalha seriamente para que todas as crianças sintam-se incluídas neste espaço. A escola torna-se então lugar de convívio entre diferentes pessoas que estão aprendendo a conviver com as diferenças, fazendo deste ato um aprendizado constante.

A Política de Educação Especial (MEC, SEESP) afirma que:

A integração é um processo dinâmico de participação das pessoas num contexto relacional, legitimando sua interação nos grupos sociais. A integração implica em reciprocidade.

E sob enfoque escolar processo gradual e dinâmico que pode tomar distintas formas de acordo com as necessidades e habilidades dos alunos. Sob o enfoque psicossocial, a integração representa, portanto, uma via de mão dupla, envolvendo os portadores de deficiência e a comunidade das pessoas consideradas "normais" (1994 p. 18).

Portanto é na escola que deve ocorrer esta integração entre pessoas portadoras de necessidades especiais e aquelas ditas normais, pois ali é o lugar onde se deve aprender o respeito às diferenças, é onde acontece o encontro entre crianças diferentes, mas que tem um objetivo comum: aprender. O que não pode acontecer é a generalização, pois as diferenças existem e não podemos fechar os olhos a elas, mas podemos e devemos ensinar e aprender a conviver com isto e tirar de todas as situações lições e aprendizados.

CAPÍTULO 2

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA

A Declaração de Salamanca (Salamanca - 1994) é uma resolução das Nações Unidas que trata dos princípios, política e prática em educação especial.

Adotada em Assembléia Geral, apresenta os Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências. É considerada mundialmente um dos mais importantes documentos que visam à inclusão social, juntamente com a Convenção sobre os Direitos da Criança (1988) e da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990). Faz parte da tendência mundial que vem consolidando a educação inclusiva.

A sua origem está atribuída a movimentos favor dos direitos humanos e contra instituições segregacionistas, movimentos iniciados a partir das décadas de 1960 e 1970.

Esta declaração foi sem dúvida um marco na história da inclusão em todo o mundo, pois a partir daí as pessoas foram obrigadas a receberem e aceitarem as diferenças e aprenderem a conviver com elas. Mesmo este documento tendo sido criado há tantos anos ainda hoje é complicado para muitos setores da sociedade aceitar esta decisão, principalmente os meios produtivos que não enxergam retorno em dar oportunidades de trabalho a uma pessoa portadora de deficiência.

Mesmo a escola que sendo o lugar onde o preconceito deveria passar longe também não escapa deste despreparo, gerando muitas vezes situações constrangedoras para os portadores de necessidades especiais que chegam até ela. Como um cadeirante não se sentirá constrangido ou não atendido nos seus direitos, quando chega à escola e não encontra acesso adequado para sua locomoção? Quando precisa ir ao banheiro e este não está adaptado para as suas necessidades? Ou então não consegue se locomover no pátio da escola, pois este não oferece condições de acessibilidade?

A inclusão deve ser vista e tratada de maneira séria, responsável e coerente, pois só assim ela acontecerá de verdade e sem causar transtornos aos envolvidos. Inclusão responsável visando sempre o bem-estar de todos os envolvidos, sem fazer o papel inverso, excluir ao invés de incluir.

CAPÍTULO 3

BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

Inclusão Escolar ou Educação Especial?

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira LDB 9394/96, em seu capítulo V, (art. 58) sobre Educação Especial fala que:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

Essa lei deixa muitas dúvidas. Já existe desde 1996 e até hoje não está bem esclarecida para os educadores. Muitos pais não estão conscientes dos direitos que seus filhos com NEE possuem. E quando conscientizados recebem uma resposta negativa em relação à aceitação de seu filho em uma escola regular. Segundo Cavalcante (2005, p.40)

Por falta de informação ou omissão dos pais, de educadores e do poder público, milhares de crianças ainda escondidas em casa ou isoladas em instituições especializadas em situações que priva as crianças com ou sem deficiência de conviver com a diversidade.

Essa lei não privilegia o aluno com NEE, muito pelo contrário. Essa palavra preferencialmente deixa muitas dúvidas e ainda reforça a escola como única alternativa para essas crianças. Mesmo compreendendo a importância das escolas especiais e o papel que elas desempenham na sociedade, ficam as interrogações: Se numa escola especial todas as crianças são iguais, como será possível realizar atividades diferenciadas para que aconteça o aprendizado? Se todos são iguais e não são oferecidos novos desafios e trocas constantes? Em um ambiente onde todas as crianças possuem algum tipo de deficiência se torna mais difícil desenvolver o conhecimento, pois a ideia é que estas crianças não têm capacidade para irem além do que é proposto. Dessa forma, não se oferece nada em especial, pois eles não são capazes de aprender. De acordo com Santarosa (2003):

É importante que a escola e a sociedade, as quais enfrentam dificuldades em lidar com quem é diferente e com tudo aquilo que se afasta dos padrões normais, olhem para estes alunos como pessoas que necessitam e querem ser produtivos, mas também querem ser destacados pela capacidade individual que cada um deles possui.

O que, infelizmente, vemos é que muitas destas pessoas permanecem na maioria das vezes à margem da sociedade e da educação.

Alunos com NEE incluídos em classes regulares de ensino, na maioria das vezes, conseguem ultrapassar seus limites, pois estão interagindo com outras crianças e com elas aprendendo. O papel do educador deve ser sempre de levar a este aluno diferentes atividades e desafios que despertem nele a vontade de aprender.

Necessitamos com urgência de uma nova postura dos professores, que estes estejam interessados em buscar novas formas de ensinar e que também estudem e procurem entender as necessidades de cada um destes alunos que chegam até eles. Aprender cada vez mais a respeitar o nível intelectual de cada um, compreender que cada pessoa tem um ritmo e que nem todas as crianças aprendem igualmente e ao mesmo tempo.

O professor também deve exigir capacitação para poder desenvolver um trabalho diferenciado em sala de aula onde tenha aluno com NEE, pois não é uma tarefa fácil receber, acolher e dar conta desta criança e dos desafios que ela traz consigo. Muitas vezes, se torna mais difícil incluir uma criança, sem nenhuma necessidade especial aparente, mas que é vítima da pobreza. Entenda-se esta pobreza como a falta de atendimento às suas necessidades básicas de sobrevivência ou de problemas sérios envolvendo afetividade.

CAPÍTULO 4

TECNOLOGIAS ESPECIAIS PARA ALUNOS ESPECIAIS

A Educação Especial desenvolve-se em torno da igualdade de oportunidades, ou seja, todas as pessoas ou indivíduos deverão receber uma educação de qualidade não importando o grau de capacidade de cada um. O que se espera é que a escola esteja preparada para repassar este ensino com qualidade a todas as crianças que até ela chegam independente de seu potencial. Desta forma, a educação deve-se desenvolver de forma especial, numa tentativa de atender às diferenças individuais de cada criança, através de uma adaptação do sistema educativo.

A evolução das tecnologias permite cada vez mais a integração das crianças com necessidades especiais em nossas escolas, visando a sua formação integral. Na realidade isto surge como uma resposta que busca integrar ainda mais crianças com necessidades educativas especiais num ambiente educativo, pois a utilização do computador no processo de ensino aprendizagem destas crianças faz com que elas fiquem em pé de igualdade perante aos demais colegas.

Como uma das respostas a esta necessidade de integração, surge à utilização da tecnologia. Com a informática veio a se abrir um novo mundo cheio de possibilidades comunicativas e de acesso à informação, contribuindo assim para um desenvolvimento maior das pessoas com necessidades educativas especiais. Diante do computador as crianças perdem o medo de tentar e exploram seus limites, sem o temor constante de serem repreendidas por não conseguirem realizar tão bem uma atividade.

Partindo do pressuposto que aprender é fazer, a tecnologia deve ser encarada como um elemento cognitivo capaz de facilitar a estruturação de um trabalho viabilizando a descoberta, garantindo condições propícias para a construção do conhecimento. Em crianças especiais as vantagens são percebidas logo, pois ela se empolga diante da máquina e desta forma consegue realizar muito mais do que em sala de aula.

Assim, o uso da tecnologia pode despertar em crianças especiais o interesse e a motivação necessária para a descoberta do conhecimento, sempre tendo em mente a necessidade e interesses delas. A deficiência deve ser encarada não como uma impossibilidade, mas como uma força, onde o uso das tecnologias desempenha um

papel significativo. Neste caso, os professores também devem receber o suporte e aperfeiçoamento necessário para conseguirem dar conta deste novo modelo de educação. Do mesmo modo as autoridades e entidades mantenedoras das instituições educativas devem oferecer capacitação adequada aos educadores para que estes consigam desenvolver um trabalho mais dirigido e de qualidade.

Em se tratando de equipamento, o uso do computador pode ser um instrumento significativo para o processo de ensino e de aprendizagem e ajudar na socialização. Para tanto é necessário que o poder público faça a sua parte e garanta todo o material a ser utilizado pela escola em busca de uma inclusão de qualidade. Desta qualidade dependerá o bom resultado que estes alunos com necessidades educacionais especiais alcançarão no seu desenvolvimento cognitivo e também no processo de socialização perante aos membros de toda a sociedade.

Neste ponto vale também ressaltar a necessidade que a professora da turma tem de receber o apoio técnico necessário da equipe diretiva da escola e também contar com um apoio extra em sala de aula. Como uma professora sozinha dará conta de incluir um aluno ou mais alunos com uma turma formada por trinta alunos, por exemplo? É impossível! Ou ela dará conta dos alunos de inclusão ou dos outros e acabará sempre ocorrendo uma forma de exclusão.

A comunicação com a máquina dá a alguns alunos uma maior segurança, podendo sobressair nas atividades propostas, serem audaciosos, mostrar-se diante da máquina despidos de insegurança. Conforme podemos ler em Santarosa (2001):

A interação com a máquina pode ajudar a alcançar o desenvolvimento intelectual que às vezes não conseguem atingir de maneira natural, ou seja, em sala de aula. Para Santarosa, o ambiente computacional de aprendizagem deve ser um espaço aberto à construção do conhecimento não apenas cognitivo, mas também sócio-afetivo.

Ao sentarem em frente ao computador, os alunos com NEEs ficam eufóricos, se esforçam. Para eles é um mundo a parte, que os desafia muito e por isso penso eu, tão chamativo, atraente. Estes alunos gostam das atividades propostas na sala de informático talvez pelo fato de estarem enxergando o seu trabalho ali na tela conforme

está sendo produzido consegue visualizar os erros e então refazer observando o processo. E nós, como educadores e acompanhando estes alunos observamos esta transformação. Diante do computador estas crianças demonstram segurança, parece que perdem o medo de errar, talvez por que seja possível apagar na hora o erro e refazer a atividade, sem aquele sinal de erro que a borracha deixa no caderno.

Outro elemento importante, que não se deve ser esquecido sobre a informática na educação, é que através dela ocorre o processo de inclusão destes alunos. A máquina se transforma em um objeto que promove a igualdade, diante dela todos se encontram no mesmo nível de aprendizado. Todos têm o mesmo desafio, ou seja, aprender a dominar a ferramenta e tirar dela o maior número possível de possibilidades de aprender coisas novas.

Hoje, a utilização de computadores na Educação é muito mais diversificada, interessante e desafiadora, do que simplesmente a de transmitir informação ao aprendiz. Os programas educacionais que existem abrem um leque enorme de possibilidades que fazem o aluno viajar por atividades interessantíssimas, isso sem falar no uso da internet como fonte de pesquisa. A internet leva as pessoas a lugares que nunca se imaginou chegar, é conhecer o mundo sem sair da cadeira.

O computador pode ser também utilizado para enriquecer ambientes de aprendizagem e auxiliar o educando no processo de construção do seu conhecimento. De acordo com os programas e atividades apresentadas aos alunos esta construção do conhecimento acontece de forma mais efetiva. Importante é saber o que apresentar aos alunos, não simplesmente usar o laboratório de informática como uma sala de jogos, sem um objetivo pré-definido, pois desta forma se perde a oportunidade de realizar um trabalho que realmente produza bons resultados.

A informática na Educação de que se fala enfatiza a ideia do professor ter conhecimento sólido sobre os potenciais educacionais do computador e ser capaz de alternar de forma adequada atividades tradicionais de ensino-aprendizagem e outras que usam o computador. Esta alternância visa continuar a construção do processo de ensino aprendizagem do educando tendo em vista a utilização de técnicas diferenciadas. Isto quer dizer que o uso do computador pode ser feito tanto para reforçar o processo de ensino tradicional, como também para criar condições de o aluno construir seu conhecimento de modo mais independente.

Em todos esses casos, o aluno usa o computador para resolver problemas ou realizar tarefas como desenhar, escrever ou calcular. A construção do conhecimento acontece pelo fato do aluno ter que ir a busca de novos conteúdos e estratégias para incrementar o nível de conhecimento que dispõe sobre o assunto que está sendo tratado via computador. Esta busca leva ao desenvolvimento da autonomia tão necessária nos dias de hoje.

O professor deve se conscientizar de que a educação está diante de um novo paradigma. Ele será um mediador entre as ferramentas tecnológicas e novas situações que ajudarão seus alunos a resolverem seus problemas e a desenvolverem novas capacidades cognitivas. Para dar conta destes desafios o professor deve estar consciente e se inteirar destas inovações que permeiam o dia-a-dia na escola, se não sabe tem que procurar saber, ficar por dentro das novidades, pois o aluno depende disso e o mestre não pode fechar os olhos.

A escola cabe além de dar condições de acessibilidade aos portadores de deficiências ou simplesmente abrir suas portas aos alunos de inclusão, deve também pensar em estratégias e propostas pedagógicas que venham de encontro e realmente promovam uma inclusão diferenciada. Não basta acolher, mas oferecer condições mínimas para que esta criança consiga desenvolver seu potencial ao máximo.

CARVALHO (1997, p.26) afirma que:

Sempre que haja, em toda a comunidade escolar, mudanças de atitude frente a diferença, implicando a não rejeição dos alunos com deficiência, corre-se o risco de apenas inseridos no convívio com outras crianças, sem que efetivem, entre todos, trocas interativas com plena aceitação aos portadores de deficiência, o que os ajuda na valorização de sua autoimagem e da sua autoestima.

Se este convívio acontecer enquanto a criança ainda é pequena com certeza ela se tornará um adulto mais tolerante e aceitando com mais facilidade as diferenças existentes entre as pessoas, sejam elas físicas ou mentais. Por isto se torna necessário que aconteça esta interação entre todas as crianças dentro da escola, pois as crianças não nascem preconceituosas, elas vão aprendendo a ser no decorrer da vida e de acordo com os exemplos que vão adquirindo. Nosso papel é fazer com que este preconceito se torne o menos visível possível, sabemos que é complicado, difícil, mas não impossível.

CAPÍTULO 5

DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA

O que fazer para conseguir atingir estes alunos? Atividade diferenciada dos demais é sempre o que acontece, mas isso é pouco, pois estes alunos precisam de um acompanhamento quase que individual o tempo todo. Mas como fazer isso se estou sozinha na sala de aula com uma turma grande e sem nenhuma ajuda extra? O peso da responsabilidade é grande, a gente sempre acaba deixando alguém de lado, os demais alunos ou de inclusão, e isso é bastante complicado.

Este tema do número de alunos na sala de aula com alunos especiais deveria ser levado muito a sério pelas autoridades, pois é humanamente impossível desenvolver um trabalho satisfatório com um número elevado de alunos dentro de uma turma. Isso é consenso entre os professores que atuam com estes alunos todos os dias.

Trabalhar com uma turma de terceiro ano, com vinte e oito alunos, e entre estes dois alunos considerados portadores de NEEs, é um desafio e tanto. Destes alunos um apresenta um diagnóstico médico, já o outro são especulações que levantamos, pois a família se nega a ir em busca de ajuda para ele. Desafio porque estes alunos apresentam um quadro bastante difícil no desenvolvimento de sua aprendizagem. Encontram-se fora da idade para um terceiro ano. Na sala de aula não acompanham os demais e mesmo com atividades diferenciadas, pois ainda se encontram em nível de alfabetização, o interesse demonstrado é mínimo.

Neste contexto, a informática educativa surge como uma alternativa, visando ajudar no desenvolvimento destes alunos, se tornando uma ferramenta forte e aliada do professor. De acordo com Santarosa (2001, p.7) o ambiente computacional de aprendizagem deve ser um espaço aberto à construção do conhecimento não apenas cognitivo, mas também sócio-afetivo.

Sobre este ponto de vista, a informática contribui não só com o aluno, mas também com o professor, pois é um momento em que o ele consegue ficar próximo ao aluno especial, dá atenção exclusiva a ele. Digo isso porque para mim, as aulas de informática eram os momentos em que conseguia me dedicar integralmente ao meu aluno de inclusão, acompanhava os seus trabalhos, estimulava-o durante este tempo. Para ele era importante esta atenção exclusiva, pois na sala de aula eu tinha os demais para também dar conta. Como ele se sentia valorizado, se esforçava, pois naqueles

instantes a professora era só dele, estava ali ao seu lado, se preocupando com a sua aprendizagem.

Muitas vezes nem a própria família aposta na capacidade de uma criança especial. Trabalhar com computador? Mas como? Ele vai desligar tudo, estragar as máquinas, eram alguns dos empecilhos que a mãe do meu aluno tentava impor a fim de evitar que ele fosse ao laboratório, ou então que ele podia mexer nos fios e levar choque. Ela preferia que ele ficasse na sala de aula, brincando ou até mesmo sem fazer nada, qualquer coisa que não fosse “arriscado”.

Mas no laboratório de informática ele não tinha tempo pra pensar em aprontar alguma coisa, pois a atenção estava voltada para a máquina e com o que ele faria diante dela. Jogar o “Homem Batata”, montar o homem batata tendo que arrastar os pedaços que compusessem o corpo, colocá-las no lugar certo. Esse era um dos jogos prediletos dele e penso que a realização deste movimento de pegar a peça e arrastar fez a grande diferença na sua coordenação. Esse movimento exigia concentração e firmeza, mas aos poucos ele foi conseguindo fazer a montagem com mais precisão.

Outro jogo de “pescar letras” também era muito interessante, aparecia uma figura e depois pelo rio vinham letras as quais deveriam ser pescadas com um anzol para formar o nome da figura corretamente. Este era mais difícil, pois ele apresentava dificuldades em reconhecer muitas letras e seus sons, mas com ajuda também conseguia realizar algumas vezes. Mas utilizava estes jogos objetivando o desenvolvimento motor, pois as demais dificuldades demandavam mais tempo.

A inclusão se refere à vida social e educativa, desta forma todos os alunos devem ser incluídos nas escolas regulares e não somente colocados dentro do ambiente escolar. Antigamente as crianças com deficiência eram privadas do convívio social, muitas retiradas até do seio familiar, já hoje se isso acontecer é considerado crime. Por isso o objetivo primordial da inclusão é a de não deixar ninguém fora do ensino regular, desde o começo, ou seja, todas as crianças devem frequentar a escola desde pequenas, favorecendo assim sua integração e socialização. Pois segundo a LDB 9394/96 em seu art.58: § 3º: *“A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.”*

Sendo assim é imprescindível entender que uma criança especial já nasce assim, ela não adquire uma deficiência aos seis anos de idade ao chegar à escola e, portanto

deve receber o tratamento adequado desde cedo, evitando desta forma maiores dificuldades na hora de integrá-la em um ambiente junto a outras crianças normais.

Como diz MADER (1997, p.47)

Um novo paradigma está nascendo, um paradigma que considera a diferença como algo inerente na relação entre os seres humanos. Cada vez mais a diversidade está sendo vista como algo natural.

Desta forma a metáfora da inclusão é a do caleidoscópio. Esta imagem foi muito bem descrita por dois entusiastas do movimento inclusivo do Canadá, Forest e Lusthaus, em 1987 como segue:

“O caleidoscópio precisa de todos os pedaços que o compõem. Quando se retira pedaços dele, o desenho se torna menos complexo, menos rico. As crianças se desenvolvem, aprendem e evoluem melhor em um ambiente rico e variado”.

Por esta razão, a importância de uma inclusão de verdade, não apenas colocar estas crianças dentro do espaço escolar sem nenhuma perspectiva de desenvolvimento saudável, mas sim oferecer a elas subsídios que as façam crescer em conhecimento e socialização.

Quanto a esta integração, não ocorreu em minha turma nenhum tipo de exclusão ou discriminação por parte dos colegas em relação aos alunos especiais, sempre que podiam colaboravam, ajudavam, emprestavam material, enfim se esforçavam para que o convívio fosse o mais pacífico possível. Também compreendiam que estes alunos eram diferentes, que apresentavam dificuldades maiores que eles, que não conseguiam realizar as atividades com a mesma facilidade. Tudo isso acabou facilitando mais o meu trabalho diário.

Quanto ao desenvolvimento sócio-afetivo, a proximidade com os colegas ajuda na socialização. A partir do momento em que ele precisa dividir um computador com outro colega, automaticamente constrói um vínculo de amizade e companheirismo.

Santarosa (2001, p.8) destaca que o cooperativismo e a colaboração propiciados pela informática abrem possibilidades de desenvolvimento cognitivo por meio da comunicação, da linguagem e de dimensões sócio-afetivas.

Estas ideias apontadas por Santarosa é muito visível no laboratório de informática, pois os alunos precisam compartilhar aquele momento por falta de espaço físico e máquinas individuais, então durante estes momentos eles ficam mais próximos e acabam construindo um vínculo afetivo e de amizade com mais facilidade.

Neste sentido, os alunos com necessidades educacionais especiais realizam a interação mais facilmente com outras pessoas promovendo a inclusão. A informática passa a ser para o professor um recurso pedagógico importante para o aprendizado do aluno no processo do desenvolvimento social. E para o aluno um momento em que pode contar com a ajuda de colegas e da professora fazendo com que ele se sinta mais a vontade para colaborar e buscar desenvolver o seu conhecimento dentro das possibilidades e habilidades que ele consegue.

Outro fato interessante é que nessas horas o aluno esquece que tem uma deficiência, que é diferente dos demais. Isto significa que se ele consegue realizar as atividades propostas, mesmo que necessite de ajuda, está conseguindo acompanhar o restante do grupo. Interagir com a máquina e na medida do possível dominá-la coloca-o em posição de igualdade perante aos demais colegas, percebendo-se assim cada vez mais parte da turma.

Trabalhar a informática com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem é um grande desafio, mas ao mesmo tempo mostra um resultado mais satisfatório, porque diante do computador este aluno demonstra interesse. Percebo isso quando vamos ao laboratório de informática e o meu aluno, portador de NEE, fica deslumbrado. Sento ao lado dele e vou auxiliando-o na escrita de palavras simples, ele vibra a cada acerto, como se tivesse ganhado um prêmio. Nestes momentos ele também consegue se concentrar diante da máquina é como se estivesse hipnotizado por ela.

Esta interação do aluno com a máquina traz para alguns a sensação de segurança, fazendo com que ele se sobressaia em algumas atividades propostas. Em frente ao computador muitas vezes consegue demonstrar um desenvolvimento intelectual melhor do que aquele que às vezes atinge na sala de aula tradicional. De

repente a atividade proposta não lhe prende a atenção ou não desperta interesse, já diante do computador tudo é mais interessante, instigante.

Outro exemplo que posso citar diz respeito a um momento em que estávamos trabalhando com o programa do google maps. Durante uma atividade sobre a localização da escola, as ruas e becos do bairro que a circundam, outro aluno que apresenta não somente problemas e de dificuldades de aprendizagem, mas também de relacionamento, se entusiasmou com o que estava vendo e concluiu que nem tudo o que estava sendo mostrado ali era real. Por que falou isso? Na imagem de satélite aparecia uma rua sem saída, então ele questionou que aquela rua já não era mais daquele jeito, que este caminho já havia sido aberto e falou com toda a convicção, afirmando que era perto da casa dele.

Se não estivéssemos na informática com certeza este aluno não iria expressar sua opinião, pois não estaria visualizando este espaço e mesmo que falássemos ou víssemos fotos ele continuaria na dele, pois não aguçaria a sua curiosidade. No computador foi diferente porque é algo extraordinário conseguir ver as ruas, encontrar quem sabe a própria casa através da internet não tem explicação. Deste modo como negar que o uso do computador contribui de forma positiva para o desenvolvimento do interesse e curiosidade dos alunos?

A informática educativa tem contribuído na aprendizagem escolar e a função do professor tem sido motivar e na medida do possível despertar o interesse para a construção do conhecimento. “O aluno deve ser desafiado, para que deseje saber, e uma forma de criar esse interesse é dar a ele a possibilidade de descobrir” (BOCK, et al, 1995, p.107). Dessa forma é imprescindível que o professor tenha em sua formação o mínimo de conhecimento necessário na área de informática educativa para que consiga dar conta destes desafios.

Estamos expostos o tempo todo a atos e efeitos que nos levam à aprendizagem não só da leitura e da escrita, mas também promovem a agilidade, o comando, a tentativa e o erro ou o ato de experimentar. O desenvolvimento destas capacidades pode contribuir no processo de aprendizagem e também de interação social. Cabe a nós professores motivar e promover meios para que nossos alunos se interessem e busquem resolver seus impasses, suas dúvidas e progridam. Este processo fará com que o aluno pense, elabore e aja, havendo, então, desenvolvimento cognitivo.

A coordenação motora e a motricidade fina, também são aspectos que merecem destaque, pois usar o mouse manuseá-lo, faz com que a criança consiga desenvolver estas habilidades que muitas vezes são prejudicadas. Percebo isso com meu aluno, pois ele apresentava uma dificuldade muito grande na hora de manusear uma tesoura, recortar, fazer colagens, já no computador demonstra que consegue ter o domínio necessário sobre o mouse para conseguir realizar as atividades. Procura os jogos que gosta de maneira precisa, sem errar o caminho, realizando muito bem os comandos do mouse, desta forma vai aperfeiçoando a sua coordenação motora.

O aluno em questão conseguiu progredir muito neste aspecto do desenvolvimento da coordenação, pois chegou ao final do ano conseguindo realizar recortes e colagens com mais organização e atribuo muito deste desenvolvimento ao uso do mouse no computador. Também conseguindo pintar desenhos dentro dos limites, obedecendo a um sentido e não de qualquer jeito como fazia. Dobrar uma folha adequadamente para colar no caderno foi outra conquista que me deixou muito satisfeita, ele dobra parelho, passa somente a quantia necessária de cola e passou a se preocupar com a estética do seu caderno.

Concentração é outro ponto que pode ser citado como importante, pois em sala de aula é muito difícil estes alunos ficarem muito tempo concentrados em uma determinada atividade, logo se dispersam. No LIE (Laboratório de Informática educativa) é diferente, àquela hora é simplesmente a mais esperada da semana e a preocupação dos alunos é poderem aproveitar ao máximo este momento, como se fosse o último e o resto não existisse. Durante estes horários na informática, fico revezando entre os dois alunos com dificuldades para poder observar mais de perto as suas reações diante das atividades e de que modo usam o computador.

Sendo assim é importante darmos a estes alunos as mesmas oportunidades que damos aos outros diante do computador. Pois assim eles vão se sentindo cada vez mais incluídos e fazendo parte da turma, se esforçando para merecer continuar neste ambiente. Diante de um computador os alunos de inclusão se sentem úteis, dão opiniões, defendem ideias, mostrando que realmente estão aprendendo alguma coisa que os interessa muito. Penso que é dessa forma mesmo porque o computador fascina e os alunos ficam querendo acertar e participar de tudo.

Poder acompanhar como está ficando o seu trabalho no momento em que ele está sendo feito também é outro ponto interessante, porque no momento em que o aluno, por exemplo, está escrevendo alguma palavra, os olhos dele passeiam do teclado até a tela e fica empolgado quando enxerga as letras na tela. Penso também que este é um dos motivos que desperta tanto interesse, poder ver o resultado na hora em que o trabalho está sendo construído.

Claro que ele está o tempo todo buscando a minha aprovação, sente-se inseguro, mas ao mesmo tempo encorajado a continuar e tentar acertar. Vibra muito a cada acerto e o estímulo que precisa vem dos elogios que recebe a cada atividade que realiza, por menor que seja.

Nesta atividade de digitar, exemplifico quando assistimos a história “Menina bonita do laço de fita” e depois os alunos tinham que reescrever ou recontar a história a partir das gravuras. Foram utilizadas lâminas de Power point que já continham as gravuras, então era relembrar a história e escrever. O aluno ficou empolgado, sentei-me ao lado dele e fomos construindo, com dificuldade, mas com muita paciência a atividade. Então ele precisava relembrar a história e ao mesmo tempo procurar escrever, ficamos nesta atividade várias aulas, mas conseguimos realizar.

Na atual cultura social, os portadores de necessidade especiais são excluídos, marginalizados e esquecidos. Muitas vezes a escola não consegue ou não sabe o que fazer para conseguir manter estes alunos em seu ambiente e o aluno passa a ser tratado como um problema. Isto gera a exclusão e de repente este aluno se torna um a mais fora da escola. Mas afinal, porque se preocupar se outros tantos estão fora da escola?

Como educadores devemos trabalhar no sentido de reverter esta situação. E isso não apenas para cumprir a lei, mas para torná-la melhor. Esses alunos merecem respeito e dignidade, devem ser atendidos em suas necessidades como qualquer aluno normal, e com ferramentas pedagógicas que venham favorecer seu processo de ensino aprendizagem. Pois segundo Mantoan (2006 p.24-25):

“Ensinar na perspectiva inclusiva significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os níveis”

Entretanto, para acontecer aprendizagem em um ambiente informatizado é necessário que também haja a capacitação do professor. Assim, a formação do professor, seja no ensino superior ou em cursos de aprimoramentos, deve possibilitar ao mesmo as condições para o exercício pleno de suas funções. Durante a realização do curso de graduação que estou chegando ao final, existiu esta preocupação, pois nos possibilitou conhecer várias ferramentas tecnológicas que podem ser utilizadas com nossos alunos. Também nos ensinou como utilizá-las no dia-a-dia na informática, com o objetivo de facilitar o desenvolvimento da aprendizagem de nossos alunos.

Como em qualquer momento para que ocorra um aprendizado, é fundamental a interação entre professor e aluno, e a partir disso se desenvolva a confiança e a segurança, entre ambos. Com o computador não é diferente, com o passar do tempo o aluno consegue interagir com a máquina mais livremente, sem o receio de ser desaprovado. Ele vai experimentando cada vez mais formas e jeitos de lidar com o computador e descobrindo atividades interessantes que o deixará ainda mais fascinado.

Para que seja possível se utilizar a informática na educação é necessário que se tenham quatro ingredientes indissociáveis, são eles: o computador, um software educativo, um professor capacitado a usar o computador como ferramenta educacional, e o aluno. Estes ingredientes juntos fazem à diferença na hora de serem utilizados, um complementa o outro. Embora pareça bobagem é deste modo mesmo que funciona, porém dentro de tudo isso o professor precisa estar capacitado para usar essa tecnologia na hora de ensinar e trabalhar com seus alunos, se não for assim nada adiantará ter em mãos todo o resto do aparato.

Pois segundo Machini e Silva (2002, p. 47):

Sabemos que o computador quando utilizado pelo professor como ferramenta que estimule cognitivamente a criança ou o jovem, pode trazer benefícios como, por exemplo, o acesso mais rápido às informações atualizadas: à medida que os professores e os alunos utilizam-se dessa tecnologia, abrem-se novas perspectivas de desenvolvimento, interação, comunicação e crescimento interpessoal/intrapessoal

5.1 SOBRE A ESCOLA

A escola onde realizei minha prática de estágio supervisionado e de onde também utilizei recortes para o desenvolvimento deste trabalho está situada num dos

bairros mais populosos na periferia do município de Novo Hamburgo. A escola atende atualmente 422 alunos do primeiro ao quinto ano, funcionando nos turnos da manhã e tarde.

A relação da comunidade com a escola com certeza é de respeito, pois mesmo estando localizada numa vila até mal vista por muitas pessoas, ela não sofre nenhum ataque de vandalismo durante as férias, se comparada a tantas outras que são praticamente saqueadas. As pessoas encontram na escola um ponto de referência, é ali que buscam qualquer informação que precisam, pedem o jornal para ler, estão sempre dispostos a ajudar, querem e fazem questão de conhecer todos os professores, enfim constroem um vínculo de amizade, respeito e camaradagem que é preservado.

O programa Escola Aberta também contribui bastante para que este respeito fique mais evidente, pois a escola aberta aos finais de semana faz com que as pessoas fiquem mais próximas dela e comecem a sentir vontade de colaborar e participar. Muitas pessoas vêm simplesmente para sentar no pátio e tomar chimarrão, conversar, olhar as crianças brincar.

5.2 SOBRE A TURMA

A turma do terceiro ano A é composta por vinte e oito alunos, dos quais são meninos e treze meninas. A maioria se encontra na faixa etária dos nove anos, com exceção de um que está com quatorze anos, é repetente e já demonstra os sinais de impaciência da adolescência visto que está totalmente fora de idade em relação aos outros.

A maioria dos alunos mora próximo da escola. Vivem com uma família, mas que nem sempre é a original, ou seja, são filhos de pais separados ou viúvos. Sendo assim muitos têm padrastos ou madrastas, pois ocorreu uma nova reestruturação familiar. Estas famílias sobrevivem com recursos do próprio trabalho que exercem geralmente em fábricas de calçados ou outras empresas ligadas ao ramo calçadista, como curtumes ou outros componentes para calçados.

Tenho também nesta turma um aluno de inclusão, ele tem dez anos, não reconhece todas as letras, escreve o seu nome muitas vezes de forma desordenada. O

que ele escreve sempre aparece letras do seu próprio nome. Sua coordenação motora também é bastante comprometida, não consegue contornar desenhos ou letras de maneira firme e nem recortar. Até para desenhar encontra dificuldades.

No início do ano letivo ele era muito desatento, era difícil prendê-lo em uma mínima atividade, a coordenação motora e a organização espacial era pouco desenvolvida, e muitas vezes se negava a realizar atividades propostas. Não tinha preocupação nenhuma com a estética do seu caderno, a folhinha de atividades que recebia colava de qualquer jeito, faltava à noção do espaço da folha do caderno com o tamanho daquilo que ele precisava colar ali.

Recortar era algo do maior sacrifício, parecia que nem pegar a tesoura direito ele conseguia. Não respeitava os limites do recorte e por isso acaba sempre mutilando os desenhos. Desenhar além dele não gostar eram só rabiscos, não interessava o que estivesse representando eram sempre do mesmo jeito. Então imagine o que se passava pela minha cabeça me deparando pela primeira vez com um aluno tão complicado como este em minha sala de aula, muitas vezes o desespero tomava conta.

Quanto ao relacionamento com os colegas e com as professoras ele está bem tranquilo, penso que ele desenvolveu um elo forte comigo e por isso me respeita. Segundo as professoras dos anos anteriores ele era agitado demais, não respeitava ninguém, enfim fazia horrores. O que quero dizer com isto? Ele não se intimidava com nada, afrontava todas as pessoas que dele se aproximavam, falava muitos palavrões, inventava histórias, segundo relatos era muito difícil trabalhar com ele junto à turma.

Devido a todos estes transtornos que causava, ele ficava na escola só meio turno de aula. Depois do horário do recreio a mãe vinha pegá-lo e o levava para casa. Claro que hoje, muitas vezes, ele se exalta, mas nem perto do que era. Consegue ficar a manhã toda na sala, quando está a fim realiza atividades, mas não causa tumulto algum. Ele gosta de se sentir útil, sempre que pode tenta ajudar. Várias vezes pediu para escrever o meu nome e isso, para mim, é uma conquista e tanto porque demonstra o afeto que sente pela minha pessoa. Exemplo disso é que ele pediu para que sua mãe usasse batom pra ficar bonita como a professora, pois segundo ele “a professora ficava muito bonita usando batom vermelho”. Isso só reforça o quanto à gente influencia no desenvolvimento de padrões e ideias das crianças que passam pela nossa sala de aula.

Segundo o diagnóstico, este menino apresenta um leve retardo mental. Ele recebe acompanhamento psicológico individual, é atendido uma vez por semana na Sala de Múltiplos e também foi encaminhado para equoterapia. Estes atendimentos surtiram efeitos? Promoveram melhoras, mas em pequenas proporções, pois ele não demonstrava vontade de progredir. Na sala de aula o que melhorou? Aos poucos a construção de laços afetivos e de respeito, pois bater de frente só pioraria a situação. É neste sentido que trago o uso do computador como uma ferramenta que ajuda muito no desenvolvimento do interesse do aluno pela aprendizagem. E um grande desafio é trazer ou oferecer a estes alunos atividades certas, que vão promover nele o interesse necessário para despertar a vontade de aprender.

Mas até hoje este está sendo o maior desafio para mim enquanto educadora: encarar este aluno todos os dias em sala de aula, pois ele é muito imprevisível e a gente nunca sabe o que fará a qualquer momento. Claro que procuro conquistá-lo sempre, pois desta forma se torna mais fácil à convivência tanto comigo quanto com o restante da turma. Porém a experiência é sempre válida e com certeza esta me renderá muito no futuro, porque os desafios estão aí e precisamos encará-los.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após encerrar este trabalho consigo visualizar que a educação inclusiva juntamente com a informática educativa tem muito a acrescentar e ajudar no desenvolvimento de crianças portadoras de necessidades educacionais especiais.

Vivemos em uma sociedade onde o que mais conta é o belo, o normal o perfeito, onde muitas vezes não há lugar para pessoas que não se encaixam nos padrões normais exigidos por esta sociedade. Neste contexto estamos nós, professores, recebendo em nossas salas de aula os alunos de inclusão, pois a lei lhes deu o direito de frequentarem turmas regulares, a fim de acontecer a tão decantada inclusão. Neste âmbito, os governantes e entidades mantenedoras das instituições de ensino, esqueceram um pequeno detalhe: dar o suporte e acompanhamento necessário para que a gente possa desenvolver um bom trabalho e realmente incluir estas crianças.

Analisando os acontecimentos do ano em minha sala de aula, com relação ao meu aluno com necessidades especiais, posso afirmar que uso do computador como aliado ao processo de ensino-aprendizagem é extremamente importante e que traz bons resultados. Observei em meu aluno uma vontade maior de aprender, de realizar as atividades propostas, sua coordenação motora e organização espacial melhoraram significativamente.

Atribuo sim, grande parte desta melhora ao uso do computador, pois a partir do momento em que este aluno percebeu que diante do computador ele era capaz de realizar atividades, visualizou esta possibilidade em sala de aula, penso que até como uma forma de retribuir esta confiança que depositava nele. No início do ano ele não fazia questão nem de pegar seu material da mochila, mas aos pouco foi se interessando e até socializar seus materiais com os colegas no final do ano já era capaz.

Ele ficou perfeito? Claro que não, mas foi para mim e para todas as outras pessoas que conviveram com ele ao longo do ano uma grande conquista: fazer a pintura de um desenho dentro dos limites, recortar e colar de maneira organizada, entregar para

a professora de projeto um trabalho feito por ele, teve um valor muito grande, para nós e com certeza para ele também.

Segundo Valente (1991), muitas vezes o subdesenvolvimento intelectual encontrado em crianças com deficiências se deve ao fato da super proteção que recebem das pessoas que lidam com elas. Concordo inteiramente, pois o meu aluno era super protegido pela mãe e irmã, elas faziam praticamente tudo por ele. Aos pouco fui conversando com a mãe, mostrando a ela que já estava na hora dela dar liberdade para que ele conseguisse se desenvolver de forma mais independente, deixá-lo realizar tarefas que estivessem ao alcance de sua capacidade e não simplesmente alcançar tudo pronto.

No final a mãe estava mais confiante, várias vezes o elogiava por algum progresso que apresentava ou por algum trabalho que fazia e levava para ela. É essa liberdade que percebi deste aluno diante do computador, eu indagava e ele tinha que fazer, se certo ou errado era o que menos importava o importante era ele arriscar. No início com receio, pois o medo de errar é uma característica quase de todos os seres humanos, mas aos pouco foi ficando mais confiante. E como esse exercício é importante na construção da autonomia para uma criança portadora de necessidade especial.

As dificuldades que ele demonstrava quanto ao uso das letras persistiram, mas em menor grau, no caderno ele tinha preguiça de escrever, pois se errava precisava da borracha para apagar e reescrever, já no computador ele procurava as letras no teclado e se digitava alguma errada sabia que era só apertar uma tecla e pronto! Era só começar de novo. É um caminho árduo e trabalhoso? Lá isso é mesmo, nada é um mar de rosas, mas pra gente conseguir êxitos é preciso levar a sério os problemas que um aluno especial tem e procurar sempre fazer o melhor por ele.

Concordo que todas as pessoas possuem direitos iguais, e devem ter estes respeitados, o que me questiono é até que ponto muitas destas crianças se sentem realmente incluídas quando chegam a uma sala de aula onde só ela é a diferente, todos parecem normais, só ela está fora desta realidade. E que preparo o professor tem para dar conta de mais esta demanda? Nós como concluintes deste curso de Pedagogia, podemos nos contar privilegiadas, pois tivemos ao longo do curso interdisciplinas que nos deram suporte e bibliografias que nos possibilitam obter um conhecimento maior sobre este assunto. E os demais cursos de graduação, que preparação está dando aos

seus alunos? Como estes irão reagir diante de crianças especiais quando estiverem em sala de aula?

Não adianta querer fechar os olhos para a realidade, a inclusão é um assunto que está aí e não temos opção a não ser encarar mais esta demanda que chega até nós. O grande desafio da escola atualmente é estabelecer um convívio acolhedor entre as pessoas que integram essa comunidade escolar. A educação inclusiva é um movimento que defende esse direito de todos os alunos estarem juntos aprendendo, convivendo sem discriminações, e desta forma trazendo também um enorme desafio o qual abre possibilidades de sucesso tanto para os alunos quanto para os professores.

A escola inclusiva é aquela que acolhe, e não discrimina, entende que não existem turmas homogêneas, onde todos aprendem do mesmo jeito e ao mesmo tempo. Esta escola reconhece e valoriza a diversidade e procura trabalhar observando sempre os fundamentos do multiculturalismo. Isto sim é um grande desafio para a prática pedagógica da grande maioria dos professores. A diferença deve ser compreendida não como algo acabado e incapacitante, mas reconhecer que todos os seres humanos estão sujeitas a isso. Isto é, todos nós estamos sujeitos a, em qualquer tempo passar de uma condição normal a deficiente, ou então termos em nossa família alguém com deficiência com o qual deveremos aprender a conviver, e mais do que isso, aceitar.

Outro ponto a ser destacado, são os pais dos alunos, estes devem compreender a riqueza que gera o convívio com a diversidade e as diferenças, esse convívio ensina o respeito que devemos a todos os tipos de pessoas, mostra que nem todo mundo é igual, e que cada um do seu jeito tem suas qualidades e seus defeitos, mas que ninguém pode desprezar ou ser desprezado por este motivo.

A escola, como uma instituição mediadora na construção do conhecimento, tem como objetivo levar cultura para um número cada vez maior de pessoas, puxando para si uma gama de responsabilidade muito grande. Segundo Mello in Mantoan (1997, p.13):

“É através da escola que a sociedade adquire, fundamenta e modifica conceitos de participação, colaboração e adaptação. Embora outras instituições como família ou igreja tenha papel muito importante, é da escola a maior parcela”.

Esta fala nos remete sempre ao discurso e ideia que temos enquanto educadores que é da escola que se espera tudo, as crianças chegam ali para serem educadas, como se essa não fosse à obrigação dos pais. No caso de crianças com dificuldades de aprendizagem ou alguma outra deficiência, esse compromisso é ainda maior, muitas vezes os pais querem que na escola o filho receba um tratamento que nem em casa tem, dificultando assim o trabalho de todos.

A mudança da função do computador como meio educacional acontece juntamente com um questionamento da função da escola e do papel do professor. Está nas mãos do professor apresentar esta ferramenta ao aluno e ensinar a usá-lo. Desta forma é essencial que a escola esteja preparada para usar estes aparatos tecnológicos com o objetivo de promover o aprendizado de seus alunos.

O computador é a salvação? Com ele se resolve tudo? Com certeza não, afirmar isso seria muito leviano, pois todas as pesquisas e estudos apontam para o auxílio que a informática pode dar nos casos de inclusão, mas ninguém conseguiu uma receita que a gente pudesse seguir e tudo desse certo. Como seria bom se assim fosse, mas estamos lidando e convivendo com pessoas, então as diferenças já começam por aí. Ninguém aprende de forma igual.

O que posso concluir é que na área da educação inclusiva estamos engatinhando, o caminho está todo para ser construído e a informática educativa vem contribuir para a construção deste caminho. Ela vem oferecer subsídios e meios que visam o desenvolvimento mais integral possível de todas as crianças, inclusive aquelas com necessidades especiais. Depois desta experiência que tive espero ampliar e buscar cada vez mais os recursos tecnológicos com a finalidade de poder aprimorar o meu trabalho pedagógico, bem como enfrentar os desafios que a inclusão nos impõe.

Destaco também a importância que a equipe diretiva da escola deve ter ao receber alunos de inclusão, pois estes alunos pertencem à escola e não somente a professora que o tem em sua turma. A partir do momento em que todos abraçam a causa da inclusão, fica mais fácil enfrentar estes desafios que diariamente chegam até nós. Muitas vezes a escola recebe estas crianças só porque precisa cumprir a lei, mas

felizmente na minha escola a equipe diretiva e a maioria dos professores buscam, na medida do possível, auxiliar neste processo tão importante que é acolher estas crianças diferentes e incluí-las no ambiente escolar da forma menos traumática para elas.

Enfim, se todas as crianças, normais ou não tem o direito de frequentarem a escola regular, nós como profissionais encarregados de receber estas crianças, devemos ter o direito de condições mínimas básicas para desenvolver um trabalho satisfatório. Devemos ajudar no processo inclusivo, mas querer uma inclusão com qualidade, para que realmente todos saiam ganhando neste processo.

Exigir das entidades mantenedoras apoio pedagógico e suporte necessário para darmos conta destas demandas que a cada dia trazem para nós educadores mais desafios. Também lutar para que os laboratórios de informática não fiquem fechados, que as máquinas só sirvam como depósitos de poeiras, mas que possam cumprir o seu papel, que é de auxiliar o professor na sua prática pedagógica.

Nos dias atuais é inadmissível, que ainda existam governantes que não dispensem para a educação um olhar mais carinhoso. Não adianta montar um laboratório em cada escola para deixá-lo fechado porque não tem pessoal especializado para ministrar as aulas de informática. Está na hora de nós que estamos no dia-a-dia em sala de aula, fazer esta cobrança, pois afinal somos os maiores responsáveis por formar as crianças que estão em nossa frente todos os dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VALENTE, J. **Liberando a mente: computadores na educação especial**. Campinas: Gráfica central da UNICAMP, 1991.

FOREST, Marsha, PEARPOINT, Jack. **Inclusão: um panorama maior**. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997
p. 137-41.

MAZZOTA, Marcos José S. **Trabalho docente e formação de professor de educação especial**. São Paulo: EPO, 1993.

MADER, Gabrielle. **Integração da pessoa portadora de deficiência: a vivência de um novo paradigma**. In: MANTOAN, Maria Teresa E. **A integração da pessoa portadora de**. São Paulo: Memnon, 1997.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: SEESP, 1994.

DECLARAÇÃO de Salamanca
pt.wikipedia.org/wiki/Declaração_de_Salamanca acesso em 09/12/2010

TECNOLOGIAS especiais para crianças especiais

http://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o_especial

SANTAROSA, L. M. C. **Integração. Brasília: secretaria da educação Especial**. Ano 13, n. 23, p. 6-13, 2001.

_____ **Comunicar para aprender, aprender para comunicar:**
Novas Tecnologias na educação V.1 N° 1, fevereiro, 2003

BOCK, A. M. et al. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Editora Saraiva 1995.

MACHINI,F.C, SILVA, M.B.S. **A Contribuição da informática e das experiências de aprendizagem mediada no processo de ensino-aprendizagem**. In: Encontro de Informática Educativa da UEM,II,2002,Maringá. *Anais...* Maringá